

## **Tecnologias digitais e movimento**

### **Pro-Am no campo do jornalismo**

Vivian de Carvalho Belochio

Luciana Pellin Mielniczuk

**Resumo:** A utilização das tecnologias digitais de comunicação para a produção de conteúdos colaborativos de interesse jornalístico nas redes digitais evidencia marcas do movimento Pro-Am no jornalismo. O presente artigo discorre sobre as tensões que surgem no campo do jornalismo a partir da complexificação dos papéis atribuídos às fontes jornalísticas no ambiente das redes digitais. O texto parte da descrição do perfil das tecnologias que potencializam a troca entre jornalistas e amadores no ciberespaço para problematizar aspectos desta relação em tempos digitais.

**Palavras-chave:** Jornalismo digital; mídias locativas; Pro-Am; jornalismo colaborativo; fontes jornalísticas.

#### **INTRODUÇÃO**

A abertura dos pólos de emissão (LEMOS, 2007) nas redes digitais tem surtido efeitos recentes no jornalismo possível no ciberespaço. A criação de redes amadoras de informação coloca em evidência fatos e histórias que não entravam na pauta dos meios jornalísticos convencionais. A apropriação dos conteúdos publicados pelos leitores nas seções colaborativas dos jornais digitais revela a tendência do trabalho em parceria entre jornalistas e amadores.

Este trabalho discorre sobre os fatores que possibilitam a manifestação do público na ambiência digital. Com esta intenção, descreve as características das tecnologias que facilitam a publicação de conteúdos por qualquer pessoa nas redes. O artigo também enfatiza a formação do movimento Pro-Am (ANDERSON, 2006) no jornalismo digital, bem como as suas implicações na relação dos jornalistas com as suas fontes no ciberespaço.

#### **MÍDIAS LOCATIVAS E TECNOLOGIAS MÓVEIS DE COMUNICAÇÃO: POTENCIALIZAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO NA INTERNET**

A popularização e a miniaturização das ferramentas de produção e de publicação de informações impulsionam o crescimento do processo de participação nas redes digitais. Tal entendimento está baseado na percepção de que a fácil operacionalização dos aparatos citados vem estimulando a inserção de indivíduos e organizações no ciberespaço. Como acentua Silva (2008, p.2), “para o contexto do jornalismo estamos diante de novas possibilidades técnicas que permitem uma mobilidade física e informacional maior da produção”. As novas possibilidades às quais o

autor se refere podem ser relacionadas à potencialização do poder de intervenção dos cidadãos nas redes, que intensifica as possibilidades de interação entre amadores e jornalistas.

Outro ponto que justifica tal linha de pensamento é o fato de que, na atualidade, as tecnologias estão se tornando elementos de uso corriqueiro. Em suma, passaram a fazer parte da cultura da sociedade. Quando acontece a naturalização das tecnologias digitais, emergem formas sociais diferenciadas. O processo evidencia as bases da cibercultura, que, como afirma Lemos (2003), retrata a simbiose entre as tecnologias e a cultura, ou seja, “a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” (2003, p.11). Hábitos e costumes são criados a partir do que o autor define como “apropriação social-midiática da técnica” (2003, p.12). A partir disso, práticas distintas são desenvolvidas e é possibilitada a “ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo” (LEMOS, 2003, p.13). O surgimento e o desenvolvimento das chamadas mídias locativas são formas de apropriação.

Segundo Lemos (2007), “as mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. Isso implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita” (LEMOS, 2007, p.1). Em outras palavras, as mídias locativas oferecem informações complementares a respeito de localidades, sendo úteis para o mapeamento, para a apropriação do espaço urbano e até para a realização de jogos interativos. Pode-se acessá-las de qualquer lugar. Servem como referências digitais de locais e de estruturas físicas, isto é, as mídias locativas fornecem informações sobre eles.

Silva (2008, p.2) faz algumas observações a respeito das mídias locativas e dos dispositivos móveis, aplicando suas explicações ao jornalismo. Ele refere-se ao GPS como um recurso capaz de adicionar o “elemento da geolocalização” nas notícias, “reforçando a idéia de hiperlocal, ‘localismo’ ou visualização espacial das notícias” (SILVA, 2008, p.2). Páginas que trabalham a partir da perspectiva mencionada pelo pesquisador estão se multiplicando na ambiência digital. Na opinião de Silva (2008, p.2), “esse é um elemento novo no jornalismo que acrescenta novas informações à matéria numa construção que une instantaneidade e localização geográfica na emissão por meio de artefatos da comunicação móvel”. Segundo Lemos (2007):

Esse conjunto de processos e tecnologias caracteriza-se por emissão de informação digital a partir de lugares/objetos. Esta informação é processada por artefatos sem fio como GPS, telefones celulares, *palms* e *laptops* em redes Wi-Fi ou Wi-Max, *Bluetooth* ou etiquetas de identificação por radiofrequência, RFID. As mídias locativas são utilizadas para agregar conteúdo digital a uma localidade, servindo para funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento (GTS), localização... Dessa forma, os lugares passam a dialogar com dispositivos informacionais, enviando, coletando e processando dados a partir de uma relação entre informação digital, localização e artefatos digitais móveis. (LEMOS, 2007,

Assim, instituições e sujeitos podem se fazer presentes no ciberespaço, a partir do que o autor chama de “território informacional”. Este último é definido como “o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (LEMOS, 2007, p.12). Conforme Lemos (2007), os territórios informacionais tem em sua base a formação de uma rede de conexão que permite o acesso às mídias locativas de localidades diversas. A possibilidade de conexão em parques, lugares públicos, por intermédio de *Wi-Fi*, por exemplo, configura um “lugar de acesso sem fio” por redes. Lemos (2007, p.12) salienta que aí se forma um território informacional. O autor complementa a sua explicação lembrando que ele “cria um lugar, dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula”. O território informacional pode ser comparado à rede fluida de comunicações que forma o espaço de fluxos descrito por Castells (1999):

[...] a interação entre a nova tecnologia da informação e os processos atuais de transformação social realmente tem um grande impacto nas cidades e no espaço. De um lado, o layout da forma urbana passa por grande transformação. Mas essa transformação não segue um padrão único, universal: apresenta variação considerável que depende das características dos contextos históricos, territoriais e institucionais. De outro, a ênfase na interatividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de comportamento em uma rede fluida de intercâmbios que forma a base para o surgimento de um novo tipo de espaço, o espaço de fluxos. (1999, p.423)

A diversificação dos canais disponíveis à circulação e à intervenção do público no ciberespaço, tais como celulares e espaços abertos à conexão sem fio (*Wi-Fi*), entre outros, permite a interação mais abrangente, móvel. Para Santaella (2008, p.98), “a tecnologia móvel nos força a reconsiderar o espaço, a legibilidade do espaço, o modo como as pessoas reencontram o espaço cotidiano”. Ela acredita que o espaço urbano adquire diferentes perspectivas de “espacialidade” a partir da comunicação em mobilidade. Lemos (2007) acrescenta que os sistemas destacados são característicos da ciberurbe, o espaço urbano transformado pelas mídias locativas, ou, como ele define, a “dimensão simbólica, informacional das cibercidades<sup>1</sup> contemporâneas”. De acordo com o pesquisador:

No começo do século XXI as mídias locativas reforçam a hibridação do espaço físico com o ciberespaço, trazendo novas implicações para o espaço urbano. O fluxo comunicacional se dá por redes sem fio e dispositivos móveis, caracterizando a era da comunicação ubíqua, senciente e pervasiva das mídias locativas. Novas práticas sócio-comunicacionais emergem já que as referências da cidade não se vinculam apenas às marcas territoriais físicas,

---

<sup>1</sup> Segundo Lemos (2007), cibercidade “é a cidade na cibercultura” e ciberurbe “é o urbano na cibercultura” (p.11).

mas a eventos informacionais dinâmicos, embarcados nos objetos e localidades. Essas transformações configuram a ciberurbe. (LEMOS, 2007, p.10)

No ambiente descrito renovam-se e surgem diferentes formas comunicacionais, a partir da ampliação das possibilidades de expressão e de manifestação dos indivíduos. A sedimentação das formas de comunicação emergentes na ciberurbe depende da adesão das gerações seguintes, isto é, a transformação delas em hábitos comuns depende de sua naturalização pelas sociedades que virão no curso histórico da civilização.

A distinta relação estabelecida entre a esfera midiática e o espaço urbano (LEMOS, 2007) dá novo fôlego a iniciativas do jornalismo colaborativo, potencializado pelas tecnologias de comunicação móvel. Para Primo e Träsel (2006, p.4), “as tecnologias digitais tem servido como motivador para uma maior interferência popular no processo noticioso”. Isso se deve à flexibilização do acesso às redes, bem como das formas e lugares onde a conexão é possível, além das demais tecnologias que facilitam a cooperação. Conforme os autores, “outro fator que motiva o desenvolvimento do webjornalismo participativo é a vulgarização das máquinas de fotografia digital e celulares que podem captar fotos ou vídeos e enviar mensagens multimídia” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.4).

Os fatores destacados são considerados exemplos do que representam as tecnologias móveis e as mídias locativas para a formação de um circuito de trocas entre os jornalistas e os leitores/interagentes<sup>2</sup> nas redes digitais. Lemos (2003) considera a conexão generalizada responsável pelo fenômeno.

### **BASES DE DADOS (BDs) e WEB 2.0**

A linha evolutiva do jornalismo digital cresce conforme o desenvolvimento de tecnologias que potencializam a estruturação de materiais informativos nas redes, abrindo caminho ao surgimento de produtos distintos dos meios massivos tradicionais. Assim, formaram-se e transformaram-se as três primeiras<sup>3</sup> gerações que marcam a história do jornalismo digital. Sua popularização nas redes passou pela formação de três estágios de transformação (MIELNICZUK,

---

<sup>2</sup> Conforme Primo (2007), “receptor, usuário, utilizador e novo espectador são termos infelizes no estudo da interação, pois deixam subentendido que essas figuras estão à mercê de alguém hierarquicamente superior, que é quem pode tomar de fato as decisões” (2007, p.149). Por essa razão, o termo interagente é utilizado, subentendendo a ação do internauta no processo interativo mútuo, isto é, aquele que não tem resultados previamente definidos e programados.

<sup>3</sup> Mielniczuk (2003) identifica a fase da transposição (ou cópia) dos conteúdos de suportes analógicos ao contexto digital (primeira geração); de reaproveitamento, ou “fase da metáfora” (segunda geração), observando-se a potencialização dos conteúdos e explorando-se recursos das redes; e a terceira geração, marcada por “tentativas de, efetivamente, explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela *web* para fins jornalísticos” (2003, p.36). O surgimento do jornalismo colaborativo em redes digitais acontece, como afirma Barbosa (2007), numa etapa de transição para a quarta geração do jornalismo digital, aqui relacionada com a fase dos meios colaborativos.

2003).

Na transição da terceira para a quarta geração, como afirma Barbosa (2007), evidenciam-se estilos enquadrados no paradigma do Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD). Os sistemas colaborativos surgem da possibilidade de troca de informações, cuja existência é possível tanto a partir do modelo todos-todos como da tecnologia das bases de dados (BDs). Barbosa (2007) define o JDBD como

Uma fase de base tecnológica ampliada, acesso expandido por meio de conexões banda larga; proliferação de plataformas móveis; equipes mais especializadas; uso expandido de bases de dados; algoritmos; linguagens de programação; desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos mais complexos; maior incorporação dos *blogs*; adoção de sistemas que habilitem a participação efetiva do usuário na produção de informações; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; *sites* dinâmicos; narrativas multimídia, infografia interativa; emprego do RSS (*Really Simple Syndication* ou *Rich Site Summary*) para recolher, difundir e compartilhar conteúdos; uso da técnica do *podcasting* para distribuição de conteúdos em áudio e vídeo; experimentação de elementos conceituais novos para a organização da informação; maior integração do material de arquivo na oferta informativa; emprego de metadados e *data mining* para extração de conhecimento; e aplicação de novos métodos para gerar visualizações diferenciadas para os conteúdos jornalísticos. (BARBOSA, 2007, p.150)

Os recursos mencionados pela autora fortalecem o que O'Reilly (2005) chama de *Web 2.0*. Como afirmam Romaní e Kuklinski (2007, p.15), “nesta nova Web, a rede digital deixa de ser um simples suporte de conteúdos multimídia para se tornar uma plataforma aberta, construída sobre uma arquitetura baseada na participação dos usuários<sup>4</sup>”. Sobre a *Web 2.0*, Primo (2007, p.1) ressalta que se trata da “segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação”. O pesquisador acentua que ela representa mais que simplesmente uma “combinação de técnicas informáticas”. A *Web 2.0* integra “um determinado período tecnológico”, “um conjunto de novas estratégias mercadológicas” e “processos de comunicação mediados pelo computador” (PRIMO, 2007, p.1). Sendo assim, privilegia iniciativas de colaboração, a partir da intensificação das possibilidades interativas.

Barbosa (2007) destaca que os sistemas da *Web 2.0*, operados por intermédio de bases de dados de alto potencial, permitem o desenvolvimento dos sistemas colaborativos. Para a pesquisadora, “a incorporação das opções para compartilhar as matérias e reportagens agregando-as

---

<sup>4</sup> Texto original: “En esta nueva Web la red digital deja de ser una simple vidriera de contenidos multimedia para convertirse en una plataforma abierta, construida sobre una arquitectura basada en la participación de los usuarios”.

aos chamados ‘*sites* sociais’ é uma estratégia que rende não apenas mais acessos e publicidade, mas, sobretudo, agrega mais ‘valor social’ aos produtos jornalísticos” (2007, p.188).

Kuklinski (2007, p.28) diz que o aproveitamento da inteligência coletiva é um dos “princípios constitutivos das aplicações da Web 2.0”<sup>5</sup>. De acordo com as análises sobre a interferência da coletividade na *Web* de autores como LÉVY (1998), ANDERSON (2006), LEMOS (2005), GILLMOR (2005), ECHEVERRÍA (1999) e PRIMO (2007), entre outros, percebe-se a participação como um princípio básico do sistema. Quanto maior o engajamento do público nos seus processos, maior é a possibilidade de ser formada uma rede mais complexa e dinâmica.

Percebe-se que o jornalismo digital em base de dados está em sintonia com os princípios da *Web 2.0*. Destaca-se o seu potencial para facilitar a formação de sistemas colaborativos. Segundo Barbosa (2007, p.271), “a integração dos usuários no processo de produção dos conteúdos no jornalismo digital é mais um aspecto que o modelo **JDBD** ajuda a impulsionar”. Ela acredita que, “uma vez trabalhando com uma estrutura em base de dados, é possível ordenar e qualificar os colaboradores e os chamados ‘repórteres-cidadãos’ de maneira mais efetiva” (BARBOSA, 2007, p.271).

Diante do exposto, acredita-se que os benefícios das BDs e da *Web 2.0*, das tecnologias móveis, das mídias locativas e do território informacional (LEMOS, 2007), (SILVA, 2008) na produção e difusão de dados por cidadãos e organizações impulsionam uma mudança no padrão do jornalismo digital. A marca mais evidente da fase descrita é a abertura à interferência do público nos materiais noticiosos, que está sendo experimentada nas mídias de referência.

## **A TROCA ENTRE PROFISSIONAIS E AMADORES NO JORNALISMO**

O desenvolvimento de diferentes modalidades comunicacionais nas redes digitais tornou-se fator comum, a partir de facilidades tecnológicas como as descritas nos tópicos anteriores. A abertura dos pólos de emissão (LEMOS, 2007) facilita a manifestação das instituições e do público no ciberespaço. Igualmente, as amplas possibilidades de armazenamento e distribuição de informações transformam as redes num grande mercado virtual.

Assim, iniciativas isoladas, que partem de um computador pessoal, por exemplo, adquirem visibilidade e atendem a certa demanda. Os próprios interagentes são a vitrine do circuito

---

<sup>5</sup> Texto original: “princípios constitutivos de las aplicaciones Web 2.0”. Partindo das análises de O’Reilly, Romani e Kuklinski (2007, p.15), eles explicam que os princípios constitutivos da *Web 2.0* são: 1) A *Web* como plataforma de trabalho; 2) O fortalecimento da inteligência coletiva; 3) A gestão das bases de dados com competência básica; 4) O fim do ciclo de atualizações de versões de *software*; 5) Os modelos de programação dinâmica marcados pela busca da simplicidade; 6) O *software* não permanecer limitado a apenas um dispositivo; 7) As experiências enriquecedoras dos interagentes.

de trocas formado nas redes. Conforme Anderson (2006), a partir desse ponto forma-se um sistema colaborativo denominado “Pro-Am”<sup>6</sup>. Citando experiências da astronomia realizadas com o auxílio de voluntários, ele define o movimento como o sistema “em que profissionais e amadores trabalham lado a lado” (ANDERSON, 2006, p.58). Logo, o Pro-Am significa a execução de tarefas que antes eram restritas a pessoas reconhecidamente capacitadas, com o apoio do público leigo disposto a se engajar.

Acredita-se que o fenômeno dos Pro-Ams também está ocorrendo no jornalismo digital. Os sistemas colaborativos nas redes colocam jornalistas e leitores em parceria. Como afirma Gillmor (2005), “na nova era das comunicações digitais, com múltiplas direções, o público pode tornar-se parte integral do processo” (GILMOR, 2005, p.118). O jornalismo colaborativo e suas configurações no ciberespaço, em formatos de *blogs*, *sites* como *Wikipedia*<sup>7</sup>, *Wikinews*<sup>8</sup> e *OhmyNews*<sup>9</sup>, além de outros canais abertos por jornais digitais da grande mídia, evidenciam a incorporação da era Pro-Am nos sistemas informativos digitais. Träsel (2007) faz uma reflexão que pode ser relacionada ao fenômeno:

Escritores amadores não são mais obrigados a deixar seus manuscritos em gavetas, músicos iniciantes não precisam mais distribuir fitas cassete pelo correio ou fazer pequenas apresentações para amigos, fotógrafos e pintores iniciantes não estão mais circunscritos às galerias. E jornalistas amadores hoje podem distribuir suas reportagens, análises e comentários em texto, áudio ou vídeo de forma barata e eficaz, quando antes eram obrigados a submeter seus produtos à avaliação de um editor para publicação como colaboradores, ou então gastar seu próprio tempo e dinheiro na produção e edição de fanzines em fotocópia, ou mesmo se arriscar na criação de uma rádio ou emissora de TV piratas. *Sob a pressão desta onda de publicação amadora, o jornalismo está sendo obrigado a rever seus conceitos, valores e estratégias comerciais* (grifo nosso). Ainda mais importante, está sendo obrigado a rever seu papel em uma sociedade democrática. (TRÄSEL, 2007, p. 15)

As análises de Castells (1999) a respeito dos impactos da tecnologia digital nos sistemas jornalísticos estão em sintonia com a ideia de Träsel (2007). O autor salienta que a independência adquirida pelas redes amplia o seu potencial comunicacional em nível global. As apropriações do sistema geraram o que o autor denomina ser “a era da informação em grande escala” (CASTELLS, 1999, p.375). De um sistema de comunicação invulnerável a ataques

---

<sup>6</sup> O movimento Pro-Am surge, de acordo com Anderson (2006), na Cauda Longa, que se forma a partir da publicação de conteúdos e produtos de amadores no ciberespaço, atendendo nichos de preferência do público. Em artigo anterior (BELOCHIO, 2008), falamos da formação da cauda longa da informação nas redes digitais, como um circuito informativo que gera concorrência com as mídias de referência e potencializa a realização de trocas entre jornalistas e cidadãos, o que remete, portanto, ao Pro-Am no jornalismo.

<sup>7</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)

<sup>8</sup> [http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)

<sup>9</sup> <http://english.ohmynews.com/>

nucleares, as redes transformaram-se em ambiência interativa, representando a agregação de valor social para o jornalismo contemporâneo.

As referidas apropriações vem sendo realizadas nos jornais digitais ligados às mídias de referência<sup>10</sup>. O surgimento das seções colaborativas (BELOCHIO, 2008; 2009) reflete o processo. Tais espaços são canais estratégicos de captação de notícias enviadas pelos interagentes, que tem seus conteúdos submetidos a um processo de prévia revisão antes da publicação. A diferença fundamental é o agenciamento dos conteúdos. Nas seções colaborativas, os jornalistas adaptam os textos e até interferem na sua estrutura, acrescentando novos dados e se comunicando de maneira distinta com o público.

A utilização que as mídias de referência fazem dos conteúdos colaborativos potencializam o Pro-Am nos meios jornalísticos tradicionais. Adaptando os sistemas colaborativos à lógica interna do veículo informativo, é estabelecida uma dinâmica de trocas entre profissionais e amadores, abertamente regulada e delimitada pelos jornais digitais.

### **AS FONTES JORNALÍSTICAS E O PRO-AM**

Acredita-se que o movimento Pro-Am é um fenômeno que ultrapassa os parâmetros tradicionais de produção de notícias do jornalismo, no que se refere à relação entre os profissionais da informação e as suas fontes. O presente tópico é dedicado à discussão da questão, começando pela definição da importância das fontes no território institucionalizado do jornalismo. De acordo com de Machado (2003), as fontes são classificadas da seguinte maneira no jornalismo tradicional:

Nos bons manuais dedicados ao estudo do jornalismo, as fontes são classificadas em oficiais, oficiosas e independentes. Fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas e organizações como sindicatos ou associações. Fontes oficiosas são aquelas relacionadas de forma direta com uma instituição ou personalidade, mas sem poder formal de representação. Fontes independentes são aquelas sem vínculos diretos com o caso tratado. (MACHADO, 2003, p.26)

O autor afirma que as fontes oficiais ainda são as mais procuradas pelos jornalistas, apesar de estar comprovada a utilização estratégica da mentira entre as “personalidades ou instituições vinculadas aos poderes fáticos” (MACHADO, 2003, p.26). Ele acredita que esse quadro tende a mudar a partir das tendências introduzidas pela comunicação digital.

Pinto (2000) explica que as fontes passaram por uma transformação no decorrer da

---

<sup>10</sup> De acordo com Berger (1996, p.1), “o jornal de referência pretende testemunhar o mundo, produzindo um discurso universal e objetivável”. Ele é vinculado à chamada imprensa tradicional, ou seja, tem ligação com a mídia que conquistou credibilidade e reconhecimento do público no decorrer da sua história, mantendo certo padrão na sua postura e no seu discurso, bem como no formato dos seus produtos. Neste trabalho, utilizamos o termo mídias de referência seguindo a linha de pensamento da autora.

história do jornalismo. Ele recorre ao termo revolução das fontes para destacar o processo histórico que as conduziu a sua própria organização e institucionalização (PINTO, 2000, p.281). Tal processo implica, conforme o autor, a profissionalização das fontes e a ampliação da sua capacidade de marcar a agenda das redações. A profissionalização é entendida como a criação de equipes especializadas na construção de notícias para a distribuição entre os meios jornalísticos.

O surgimento das fontes profissionais marca, segundo Pinto (2000, p.282), a complexificação dos “processos sociais de recolha e selecção (*newsgathering* e *gatekeeping*) das notícias e, por conseguinte, os processos de construção da própria realidade social”. Se antes os jornalistas eram intermediários que produziam conhecimentos (MEDITSCH, 1997) apenas com base nas suas próprias investigações, coletando depoimentos e dados diversos, após a profissionalização das fontes, eles passaram a lidar com outros intermediários na construção das notícias. Ainda assim, Pinto (2000, p.285) destaca que, até esse momento, os jornalistas continuaram detendo um “poder que não pode ser menosprezado”, tendo as fontes como “patrimônio”. O autor também acentua que o desenvolvimento tecnológico tem potencial para mudar esse quadro, alterando a forma como ocorrem as interações entre os jornalistas e as fontes no cenário jornalístico.

A partir das observações de Pinto (2000) e Machado (2003), percebe-se que é reconhecida a possibilidade de uma alteração na relação dos jornalistas com as fontes no contexto digital. Entende-se que, no ciberespaço, a mudança é impulsionada pelos sistemas colaborativos, que abrem espaço à manifestação do público não apenas pelas vias tradicionais, ou seja, cartas, ligações e a participação em enquetes e fóruns. Por meio de determinadas tecnologias, independente da localização ou da ligação a alguma instituição da mídia, os cidadãos podem publicar os seus próprios textos e fotografias e encaminhar as informações que julgam pertinentes ao ambiente das redes. A partir daí, os próprios interagentes criam um circuito de compartilhamento desses dados. O que poderia ser um fato isolado, que, no processo tradicional, talvez não chamasse a atenção dos grandes meios informativos e dos jornalistas, acaba adquirindo relevância como notícia, devido a critérios de importância definidos pelo próprio público.

O que pode ocorrer a partir disso é a pulverização da discussão coletiva de informações e de fatos de interesse público. O debate era, antes, coordenado pelas mídias de referência. O surgimento dos sistemas colaborativos altera a realidade que estava instituída e re-significa determinados processos jornalísticos. Valorizando as contribuições dos leitores de maneira peculiar, o sistema colaborativo caracteriza-se como produto informativo com dinâmica própria das redes, isto é, adquire traços específicos de uma prática potencializada na ambiência digital. Não se ignora o fato de que, antes, a participação já existia nos meios tradicionais. Contudo, ela assumiu

formatos distintos no ciberespaço, o que indica, portanto, que a prática da colaboração no jornalismo foi re-significada. Para Primo e Träsel (2006), “no ciberespaço, fontes independentes (cidadãos comuns) ganham espaço sobre as fontes oficiais e oficiosas” (2006, p.6). Diante disso, destacamos a modificação da relação entre os jornalistas e as suas fontes no ambiente digital.

Pinto (2000, p.289) salienta que a realidade formada a partir da ampliação das possibilidades de ação dos indivíduos no cenário informativo “vem configurar um quadro novo, marcado nomeadamente por aquilo que David Shaw chamou de desintermediação, ou seja, a diluição do papel de intermediário dos jornalistas, através da selecção e hierarquização da informação”. Assim, conforme o autor, as fontes profissionais passam a difundir os seus conteúdos nas redes sem a dependência dos meios jornalísticos. Os cidadãos também adquirem autonomia no ciberespaço. Segundo Pinto (2000), “torna-se cada vez mais fácil cada qual dirigir-se a cada qual, sem necessidade de editores de informação. Assim, a ‘revolução das fontes’ (...) adquire, nesse novo contexto, características e alcance ainda mais amplos” (PINTO, 2000, p.289). Para Machado (2003),

Se cada indivíduo ou instituição, desde que munido das condições técnicas adequadas, pode inserir conteúdos no ciberespaço devido a facilidade de domínio de áreas cada vez mais vastas, fica evidenciada tanto uma certa diluição do papel do jornalista como único intermediário para filtrar as mensagens autorizadas a entrar na esfera pública, quanto das fontes profissionais como detentoras do quase monopólio do acesso aos jornalistas. A possibilidade de dispensa de intermediários entre as fontes e usuários implode com a lógica do predomínio das fontes profissionais porque transforma os próprios usuários em fontes não menos importantes. (MACHADO, 2003, p.27-28)

Os aspectos citados anteriormente são considerados marcas de que os sistemas colaborativos digitais introduzem elementos diferentes no circuito informativo, que impulsionam mudanças no jornalismo. Como ponderam Sodré e Paiva (2005, p.11), os próprios valores-notícia “tendem a mudar sob as pressões das novas práticas informativas correntes na Internet, onde o antigo ‘público-receptor’ constitui-se agora como fonte emissora”. Diante disso, os autores concluem que os conteúdos publicados pelos cidad oes nas redes podem acabar influenciando a pauta jornalística profissional. Já Fidalgo (2004) considera que

[..] a interactividade que caracteriza o on-line, permitindo aos leitores - incluindo as próprias fontes -, participar no processo informativo, conduz a uma maior densidade semântica. Com efeito, o on-line permite e estimula a participação dos leitores no jornal, pois que tem a vantagem de incluir as adendas, confirmações, correcções, comentários, respostas (ou os respectivos links) na mesma página web da notícia. Enquanto nos media tradicionais todas as reacções a uma notícia aparecem diferidas no tempo, no on-line as

reações juntam-se à notícia, e podem mesmo ganhar um estatuto superior em termos informativos do que a notícia original. Sobretudo no jornalismo de fonte aberta, tal como levado a efeito no slashdot.org, assiste-se a uma maior resolução semântica das notícias através da participação da comunidade, de tal modo que é essa participação e correspondente grau de resolução semântica que determina a importância ou o destaque da notícia. (FIDALGO, 2004, p.191. In: [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=fidalgojornalismobasedados.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=fidalgojornalismobasedados.html))

O ponto de vista do autor está baseado na ideia de que, com as facilidades das bases de dados, é possível reunir uma série de manifestações, tanto dos jornalistas quanto das fontes, sobre as notícias publicadas nas redes digitais. Assim, a sua densidade semântica é ampliada, já que são reunidas diversas informações sobre o mesmo conteúdo, que ficam à disposição dos interagentes interessados. A resolução semântica das notícias aumenta, porque cada novo dado acrescentado pelos colaboradores permite que sejam conhecidos mais detalhes a respeito do assunto abordado.

O pensamento de Fidalgo (2004) pode ser relacionado com a análise de Briggs (2007, p.48), sobre o *crowdsourcing*, que significa o “público como fonte de notícias ou conteúdos produzidos por usuários”. Segundo o autor, o termo é compreendido como “quase um sinónimo de investigação ou reportagem compartilhada, colaborativa, distribuída ou em código aberto”. Diz Briggs (2007)

Para fazermos uma distinção entre o que significam essas expressões, pense em *crowdsourcing* como *outsourcing*, termo que deu origem à expressão terceirização e que significa *buscar fontes fora do ambiente de trabalho*. (Grifo nosso) O foco do *crowdsourcing* está normalmente na produção continuada da informação, enquanto a reportagem compartilhada está ligada à execução de um projeto específico e com tempo determinado. (...) O sistema do *crowdsourcing* reforça, de uma forma contínua, o poder da comunidade gerando uma melhoria na base de serviços e de informação pública. (BRIGGS, 2007, p.49)

Visto isso, compreende-se que o *crowdsourcing* pode servir para manter a atualização contínua das notícias nas redes por intermédio do auxílio das fontes, e também para garantir que sejam realizados trabalhos no estilo Pro-Am. Afinal, como pondera Briggs (2007, p.49), a reportagem compartilhada envolve “fazer uma reportagem sobre um assunto específico” com a ajuda dos leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, percebe-se que o jornalismo colaborativo pode ser uma

modalidade capaz de provocar mudanças na forma de pensar o fazer jornalístico, com ênfase ao que é publicado nas redes. Cria-se, na ambiência digital, uma forma “nômade” de jornalismo, com sistema de produção que extrapola o modelo centralizador de emissão, abrindo-se à colaboração que parte de localidades geográficas diversas, ou seja, a informação é construída por uma infinidade de atores.

Movimentos como o Pro-Am e o *crowdsourcing* podem trazer novos elementos ou aspectos às rotinas de produção e de difusão de notícias. Isso porque, a partir da sua dinâmica, favorece-se a expressão subjetiva e ampliam-se as possibilidades de troca instantânea nos processos de comunicação. Assim, os meios abrigam os dados produzidos por amadores e dão a eles valor de notícia. Os jornalistas passam a contar com mais uma opção para suas investigações, além de suas entrevistas, *releases* e demais fontes tradicionais. Trata-se de uma lógica diferente, que pode resultar na mudança da relação entre os jornalistas e as suas fontes. Acredita-se que tal possibilidade é uma das marcas da reorganização do campo jornalístico, a partir dos sistemas colaborativos digitais.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, C. *A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006. 2ª reimpressão.

BARBOSA, S. *Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA. Salvador, 2007.

BELOCHIO, V. *Jornalismo Colaborativo em Redes Digitais: Estratégia Comunicacional no Ciberespaço. O caso de Zero Hora.com*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS, 2009.

BERGER, C. L. *Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais. As relações entre o movimento sem terra e a Zero Hora*. Tese de Doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1996.

BRIGGS, M. *Jornalismo 2.0. Como sobreviver e prosperar. Um guia de cultura digital na era da informação*. Jan Schaffer, Editor, 2007.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)*. Volume 1, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2a. ed., 1999.

FIDALGO, A. *Sintaxe e semântica das notícias online: para um jornalismo assente em base de dados*. In: [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=fidalgo-jornalismo-base-dados.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=fidalgo-jornalismo-base-dados.html). Universidade Beira do Interior, 2004.

- GILLMOR, D. *Nós, os media*. Lisboa: Presença, 2005.
- LEMOS, A. *Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na Cibercultura*. Artigo apresentado no 15º Encontro Annual da Compós. Bauru, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - XVI COMPÓS: Curitiba/PR, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. Artigo que integra a pesquisa Ciberidades (CNPq) – PPGCCC/Facom/UFBA. Acessado em 23/10/2007 no endereço <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>>.
- LEMOS, A.; NOVAS, L. *Tecnologias de Comunicação Móvel, Blogs e Mobilização Social*. Artigo formulado na pesquisa Ciberidades, realizada com o apoio do CNPq/MEC no Grupo de Pesquisa em Ciberidades.
- MACHADO, E. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador, Calandra, 2003.
- MEDITSCH, E. *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?* Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1997.
- MIELNICZUK, L. *Jornalismo na web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual*. Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA. Salvador, 2003.
- O'REILLY, T. *What is Web 2.0 – Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Publishing, 2005.
- PALACIOS, M. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. In: [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf). Acesso em: 12.04.2007.
- PINTO, M. *Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo*. Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000.
- PRIMO, A. *Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006. Acesso pelo endereço <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>, em 20/11/2007.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. Contracampo (UFF), v.14, p.37-56, 2006. Acesso pelo endereço <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>, em 18/11/2007.

ROMANÍ, C. C.; KUKLINSKI, H. P. *Planeta Web 2.0. Inteligencia colectiva o medios fast food*. Grup de Recerca d'Interaccions Digitals, Universitat de Vic. Flacso/México.Barcelona/México DF, 2007.

SILVA, F.F. *Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano*. Artigo apresentado no 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Bernardo do Campo, SP, 2008.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. *O que é mesmo uma notícia?* In: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/munizsodrepaiva2005.doc>. Artigo apresentado no XIV Encontro Anual da Compós, 2005.

TRÄSEL, M. *A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2007.

### **Resumen**

El uso de las tecnologías digitales de comunicación para la producción colaborativa de contenidos de interés periodístico en las redes digitales revela las marcas de lo movimiento Pro-Am en el periodismo. En este artículo se describen las tensiones que surgen en el periodismo por la complejidad de las funciones asignadas a las fuentes periodísticas en el entorno de las redes digitales. En su principio el texto presenta una descripción del perfil de las tecnologías que maximizan el intercambio entre periodistas y amateurs en el ciberespacio para enseguida tratar de cuestiones de esta relación en tiempos digitales.

**Palabras clave:** periodismo digital, medios locativos, Pro-Am, periodismo colaborativo, fuentes periodísticas.

**Abstract:** The use of digital technologies of communication for the collaborative content production of journalistic interest in digital networks makes evident signs of the Pro-Am journalism. This article discusses the tensions at the journalism area that arise from the complexity of the roles assigned to sources in the environment of digital networks. The text presents the description of the technologies that maximize the exchange between journalists and amateurs in cyberspace to discuss topics of this relationship in digital times.

**Keywords:** digital journalism, locative media, Pro-Am, collaborative journalism, journalism sources.

*Submetido: 14/08/2009.*

*Aceito: 01/10/2009*

**VIVIAN DE CARVALHO BELOCHIO** é doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista, especialista em Gestão de Processos em Comunicação pela Unijuí e mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participa de atividades no Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC) da UFRGS e é membro do Grupo de Pesquisas Jornalismo Digital (JORDI) da UFSM.

**LUCIANA PELLIN MIELNICZUK** é professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação Midiática da UFSM. Coordenadora do Grupo Jornalismo Digital (UFSM) e integrante do Grupo de Pesquisas em Jornalismo Online (UFBA). Possui graduação em Jornalismo (1992) e mestrado em Comunicação e Informação (1998), ambos pela UFRGS. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea na UFBA Pós-Doutora pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), junto ao Grupo Nuevos Médios.